



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Lisbon School
of Economics
& Management
Universidade de Lisboa

DOUTORAMENTO EM SOCIOLOGIA ECONÓMICA E DAS ORGANIZAÇÕES

MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

1º SEMESTRE, 2024

Sandra Faustino | sandrafaustino@iseg.ulisboa.pt

Max Weber. 1904. The «objectivity» of knowledge in social science and social policy, publicado no lançamento da revista Arquivos para as Ciências Sociais e a Política Social.

(tensão ciências naturais / ciências culturais; «batalha dos métodos»)

Neutralidade Axiológica

- A tarefa da sociologia é conhecer «o que é», não «o que devia ser».
- Todo o «devia ser» é uma construção cultural contingente («worldview»).
- Sem prejuízo, Weber reconhece a existência de valores e oferece ferramentas para guiar a relação do/a sociólogo/a com os seus valores.

De acordo com Weber, os valores expressam-se quando

(1) um/a sociólogo/a escolhe o seu tema

(2) define os aspectos que quer trabalhar

(3) estabelece relações

(4) constrói conceitos (tipo-ideal)

Os valores permitem que o trabalho tenha um ponto de vista. Um conjunto de trabalhos poderá oferecer um conjunto de pontos de vista sobre um tema.

De forma a responder à nossa «worldview» (que necessariamente existe), os nossos valores

(1) devem ser tornados explícitos

(2) devem ser expostos em relação a outros (crítica positiva / exposição de todos os eixos axiológicos)

(3) deve ser tornada explícita a transição entre registos discursivos

Como é então construída a objetividade?

A partir do momento em que passamos à observação, assumimos neutralidade axiológica. O nosso método de análise deve ser claro para qualquer leitor/a.

O restante trabalho será um fim em si mesmo, e não um meio de comprovar valores iniciais.

Construção de relações: sociedade e economia

(1) existem fenómenos especificamente económicos (um banco ou a bolsa)

(2) existem fenómenos relevantes do ponto de vista económico (a ética protestante)

(3) existem fenómenos condicionados pela economia (a arte)

A sociologia económica (*socioeconomics*) irá analisar as relações contidas numa constelação de fenómenos, e o seu desenvolvimento histórico.

O seu campo não é o da relação concreta entre coisas, mas o da relação teórica entre problemas.

Weber irá explorar, também, fenómenos económicos condicionados por outros factores explicativos (e.g. ética protestante).

Finalmente, a sociologia é **interpretativa** - o significado de um evento não pode ser extraído do próprio evento, tem de ser produzido por nós [investigadores/as].

Contudo, a interpretação não deve procurar no estudo os valores que determinaram a sua importância. Devemos **caracterizar o fenómeno** nele próprio, e não no efeito que ele tem em nós.

Conceitos e teorias são instrumentos heurísticos para **a criação de relações** (o conceito como tipo-ideal, *régua*, conjunto de características, e.g. ‘feudalismo’ e ‘capitalismo’).

O papel da sociologia é conhecer as relações concretas entre fenómenos que exibem significado cultural. Criar novas relações é o fim último. A criação de conceitos é apenas uma ferramenta.

Debates contemporâneos em torno de valores e/ou pontos de vista. O caso dos Estudos Sociais de Finança

Editorial da Revista Finance and Society, (2022, 8(2) : 93-109)

Editorial

After the boom: Finance and society studies in the 2020s and beyond

Amin Samman

City, University of London, UK

Nina Boy

Heidelberg University, Germany

Nathan Coombs

University of Edinburgh, UK

Sandy Hager

City, University of London, UK

Adam Hayes

Hebrew University of Jerusalem, Israel

Emily Rosamond

Goldsmiths, University of London, UK

Leon Wansleben

Max Planck Institute Cologne, Germany

Carola Westermeier

Goethe University Frankfurt, Germany

AS DUAS FASES DOS ESTUDOS SOCIAIS DE FINANÇA

- **Fase 1** (90s): Foco nos aspetos sociais e culturais dos mercados financeiros da ‘high-finance’; foco nas configurações ‘sóciotécnicas’, crescente relação com os Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia (Knorr Cetina and Bruegger 2002, Zaloom 2006, Preda 2006, MacKenzie 2008), com a ANT e com a teoria da performatividade (Callon 2007; Latour 1996). Vaga animada por uma energia descritiva e anti-crítica (Riles 2010, Fine 2005).
- **Fase 2** (pós-crise financeira de 2008): ‘Virada crítica’ e interdisciplinar. Alargam-se os debates: finança e lei (Pistor 2013), finança e securitismo (de Goede 2010), finança e jogos de azar (Nicoll 2013), processos de financeirização (Ossandon 2017, Dalsgaard 2013, Santos 2016, Martin 2002 etc.). Cresce a relação com a economia política (e.g. conceito de rentismo); surgem avanços importantes em campos vizinhos (‘critical macro economy’, a descendente mais promissora da economia heterodoxa com foco na finança).

OS NOVOS TEMAS DOS ESTUDOS SOCIAIS DE FINANÇA

- O **poder financeiro** - gozando de cada vez mais bases de dados disponíveis (Bloomberg Professional, Refinitiv Eikon, Bureau van Dijk Orbis, Standard and Poor Compustad), sem necessariamente dispensar a análise qualitativa.
- Processos de **financeirização** - do Estado, das instituições e do dia-a-dia.
- Novas relações entre fenómenos, como **'capitalismo racial'** (Lamas *forthcoming*) ou **financeirização feminina** (Faria *forthcoming*).
- A **subjetividade neoliberal**, como a financeirização da reputação online (Rosamond 2020) ou a economia libidinal (Samman and Gammon 2023).
- Novas tendências, como **'assetization'** ou **rentismo** (Birch and Ward 2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Knorr-Cetina, K. D., & Bruegger, U. (2002). Traders engagement with markets : a postsocial relationship. *Theory, Culture and Society*, 19(5/6), 161-185.
- Zaloom, C. (2006). *Out of the pits : Traders and technology from Chicago to London*. University of Chicago Press.
- Preda, A. (2006). Socio-technical agency in financial markets : The case of the stock ticker. *Social Studies of Science*, 36(5), 753-782.
- MacKenzie, D. (2008). *Material markets : How economic agents are constructed*. OUP Oxford.
- Callon, M. (2007). What does it mean to say that economics is performative?. Do economists make markets? On the performativity of economics, 311-357.
- Latour, B. (1996). On actor-network theory : A few clarifications. *Soziale welt*, 369-381.
- Riles, A. (2010). Collateral expertise : Legal knowledge in the global financial markets. *Current Anthropology*, 51(6) : 795-818.
- Fine, B. (2005). From actor-network theory to political economy. *Capitalism Nature Socialism*, 16(4), 91-108.
- Pistor, K. (2013). A legal theory of finance. *Journal of Comparative Economics*, 41(2), 315-330.
- de Goede, M. (2010). Financial security. In : Burgess, J.P. (ed.) *The Routledge Handbook of New Security Studies*. London : Routledge, 112-21.
- Nicoll, F. (2013). Finopower : Governing intersections between gambling and finance. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 10(4), 385-405.
- Ossandón, J. (2017). 'My story has no strings attached' : credit cards, market devices and a stone guest. In *Markets and the Arts of Attachment* (pp. 132-146). Routledge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dalsgaard, S. (2013). The commensurability of carbon : Making value and money of climate change. *HAU : Journal of Ethnographic Theory*, 3(1), 80-98.
- Rodrigues, J., Santos, A. C., & Teles, N. (2016). A financeirização do capitalismo em Portugal. *Leya*.
- Martin, R. (2002). *Financialization of daily life*. Temple University Press.
- Maurer, B. (2015). *How would you like to pay? : how technology is changing the future of money*. Duke University Press.
- Swartz, L. (2022). Theorizing the 2017 blockchain ICO bubble as a network scam. *new media & society*, 24(7), 1695-1713.
- Gabor, D. (2020). Critical macro-finance : A theoretical lens. *Finance and society*, 6(1), 45-55.
- Braun, B. (2021). Asset manager capitalism as a corporate governance regime. *The American political economy : Politics, markets, and power*, 270.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Editora Intrínseca.
- Cheesman, M. (2022). Self-sovereignty for refugees? The contested horizons of digital identity. *Geopolitics*, 27(1), 134-159.
- Buller, A. (2022). *The Value of a Whale : On the Illusions of Green Capitalism*. Manchester : Manchester University Press.
- Rosamond, E. (2020). From reputation capital to reputation warfare : Online ratings, trolling, and the logic of volatility. *Theory, Culture & Society*, 37(2) : 105-29.
- Samman, A. and Gammon, E. (eds.) (2023). *Clickbait Capitalism : Economies of Desire in the Twenty-First Century*. Manchester : Manchester University Press, forthcoming.
- Birch, K., & Ward, C. (2023). Introduction : Critical approaches to rentiership. *Environment and Planning A : Economy and Space*, 0308518X231162363.